

## **ENTRE OBJETOS E DOCUMENTOS: ESPECIFICIDADES DE COLEÇÕES DE ARQUITETURA E URBANISMO**

**CAVALCANTE, Julia (1)**

1. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo  
julia.andrade@fau.ufrj.br

### **RESUMO**

O artigo tem como foco apresentar especificidades de coleções de arquitetura e urbanismo a partir de dois aspectos de suas constituições: objetos e documentos, que não excludentes em grau de importância, são complementares à preservação da memória da arquitetura brasileira. Apresenta-se como exemplo dois acervos distintos sobre o tema: um público, concentrado em documentação; e um privado, concentrado principalmente em objetos. O primeiro caso se trata do acervo do Núcleo de Pesquisa e Documentação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ, um centro de documentação que abriga documentos como: projetos, plantas, desenhos, manuscritos, cartográficos, assim como revistas, periódicos e livros de arquitetura e urbanismo. Já o segundo se refere à Coleção Carlos Barroso, pertencente ao Instituto Memória da Arquitetura Brasileira, uma vasta e diferenciada coleção de peças que possuem ligação ou referência à arquitetura moderna; envolvendo esculturas, obras de arte, numismática, cerâmica, mobiliários, entre outros. A análise e identificação destes dois tipos de acervos, assim como o comparativo de suas especificidades, nos direciona a alguns pontos da documentação e conservação preventiva de cada um deles. E por fim, nos apresenta a visão de patrimonialização destas assim como a necessidade de sua difusão por meio de pesquisa e ensino.

**Palavras-chave:** Acervo de arquitetura; objetos e documentos; arquitetura; urbanismo.

### **Resumen**

*El artículo se enfoca en presentar las especificidades de las colecciones de arquitectura y urbanismo a partir de dos aspectos de su constitución: los objetos y documentos, que no son excluyentes en cuanto a su importancia, son complementarios a la preservación de la memoria de la arquitectura brasileña. Se presentan como ejemplo dos colecciones diferentes sobre el tema: una pública, centrada en la documentación; y uno privado, enfocado principalmente a objetos. El primer caso es el acervo del Núcleo de Investigación y Documentación de la Facultad de Arquitectura y Urbanismo de la UFRJ, un centro de documentación que alberga documentos como: proyectos, planos, dibujos, manuscritos, cartografía, además de revistas, periódicos y libros de arquitectura y urbanismo. El segundo se refiere a la Colección Carlos Barroso, perteneciente al Instituto Memória da Arquitetura Brasileira, una vasta y diferenciada colección de piezas que tienen una conexión o referencia a la arquitectura moderna; involucrando esculturas, obras de arte, numismática, cerámica, muebles, entre otros. El análisis e identificación de estos dos tipos de colecciones, así como la comparación de sus especificidades, nos orientan hacia algunos puntos de documentación y conservación preventiva de cada una de ellas. Y finalmente, nos presenta la visión de patrimonialización de estos así como la necesidad de su difusión a través de la investigación y la docencia.*

**Palabras-clave traducidas:** colección de arquitectura; objetos y documentos; arquitectura; urbanismo.

## INTRODUÇÃO

Os objetos produzidos pelo homem ao longo da história assumiram no decorrer do tempo diversos papéis, valores e significados. Neste sentido, a preservação e guarda dos seus próprios registros tem sido uma atividade permanente ao ser humano, em uma busca contínua de perpetuar e manter vivas suas produções e conhecimentos a ela intrínsecas. Em outras palavras, tudo aquilo realizado pelo ser humano está sendo guardado pelo por ele como registro de sua história.

Estes objetos, por sua vez, refletem as transversalidades do tempo na história humana. Como observa Pierre Nora sobre a história e a memória em seu texto “Entre memória e história: a problemática dos lugares”: [...] memória é um fenômeno eminentemente atual, um elo vivido no eterno presente; e a história, uma representação do passado. (NORA, 1993, p.9)

A preservação dos registros tem início com a coleta e escolha dos mesmos, como expõe Marcio Rangel na publicação do Museu Histórico Nacional: “Coleções e colecionadores: a polissemia das práticas” sobre esta ação:

Coletar, pelo menos no Ocidente, onde geralmente se pensa no tempo como linear e irreversível, pressupõe resgatar fenômenos da decadência ou perda histórica inevitáveis. A coleção teoricamente contém o que merece ser guardado. (RANGEL, 2012, p. 133)

O resultado da coleta dos objetos que merecem ser guardados, isto é, a coleção, Pomian define como:

Qualquer conjunto de objetos naturais ou artificiais, mantido temporária ou definitivamente fora do circuito das atividades econômicas, sujeito a uma proteção especial em um local fechado preparado para esse fim e exposto ao olhar do público. (POMIAN, 1984, p.84)

À vista disso, no gesto de preservar a memória por meio da guarda, inúmeros foram os métodos de inventariar, catalogar e condicionar os objetos. Atualmente, com a possibilidade de tornar digital esse processo, os imensos e incontáveis bancos de dados auxiliam nestes modos de guardas da memória, tanto para estudos atuais quanto para o conhecimento da posteridade.

## **Coleções de arquitetura e urbanismo: valores e especificidades**

Conforme afirma o professor e pesquisador Marcio Rangel, o ato de colecionar: “[...] realça os modos como os diversos fatos e experiências são selecionados, reunidos, retirados de suas ocorrências temporais e originais, e como eles recebem um valor duradouro em um novo arranjo.” (RANGEL, 2012, p. 145).

Ou seja, o ato de colecionar trata-se de uma construção voluntária de caráter seletivo, vinculada a um esquema de atribuição de valores em consonância com o agente colecionador, em outras palavras, na formação de uma coleção sempre há um recorte no universo do tema escolhido.

Desta forma, são várias as razões para as escolhas dos objetos. Entre elas estão: a consonância com o foco de interesse, de pesquisa, e com a identidade geral da coleção; assim como a certificação da legalidade da procedência das peças, o estado de conservação, a conformidade com a legislação vigente e os códigos de ética nacionais e internacionais.

Portanto, instituições públicas e privadas ou colecionadores particulares geralmente preservam bens incorporados às suas coleções a partir de critérios de aquisição pré-estabelecidos em consonância com seus focos, interesses e especializações.

Acervos e coleções, sejam elas de natureza pública ou privada, são formados por uma diversidade de objetos formados por uma gama de materiais distintos. Contudo, em linhas gerais, o campo de acervos de arquitetura e urbanismo possui particularidades que as diferenciam das demais coleções e acervos, em sua maioria, museológicas.

Para discorrer sobre a articulação da “Arquitetura e urbanismo” no campo das “Coleções e Acervos”, são apresentadas neste artigo duas coleções: o acervo do Núcleo de Pesquisa e Documentação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ – NPD; e a Coleção Carlos Barroso, do Instituto Memória da Arquitetura Brasileira - MEARB.

De modo geral, motivações e questões individuais levaram a formação dessas duas coleções, porém ambas possuem como conceito norteador e critérios seletivos de aquisição de peças o tema: Arquitetura e Urbanismo, sendo constituídas, ainda mais especificamente e em sua maior parte, por objetos representativos da arquitetura moderna brasileira.

Neste sentido, qual a necessidade de se preservar este tipo de acervo da mesma maneira que demais coleções museológicas?

A função básica de preservar engloba os atos de coletar, adquirir, armazenar, conservar, restaurar, pesquisar, expor e educar sobre aqueles objetos-testemunho. Portanto, preservar uma coleção de arquitetura e urbanismo é manter para a posteridade seus registros, quaisquer que sejam suas tipologias.

A Carta de Atenas, de 1931, “recomenda que cada Estado, ou as instituições criadas ou reconhecidamente competentes para esse trabalho, publique um inventário dos monumentos históricos nacionais, acompanhado de fotografia e de informações”. (CARTA DE ATENAS, 1931, p. 4).

Ou seja, “fotografia e informações”, trazem dados, informações e referências primárias acerca dos bens culturais edificados ou projetados, tais como: a localização, o proprietário, a época de construção, o arquiteto e o escritório, por exemplo. Ou seja, trata-se de fontes de conhecimento e informações do desenvolvimento e história dos processos construtivos.

Assim, podemos considerar que do mesmo modo que obras arquitetônicas construídas, de valor histórico, se inserem nas definições de bens culturais; o mesmo ocorre com coleções — arquivos e objetos, de mesmo interesse, referentes à arquitetura e urbanismo — atrelados à arquitetos, designers, monumentos arquitetônicos construídos ou não, são seus testemunhos, portanto, bens culturais.

Desse modo, é exposto na Convenção da Unesco de 1954 sobre a definição de Bem Cultural:

Os bens, móveis ou imóveis, que apresentem uma grande importância para o patrimônio cultural dos povos, tais como os monumentos de arquitetura, de arte ou de história, religiosos ou laicos, ou sítios arqueológicos, os conjuntos de construções que apresentem um interesse histórico ou artístico, as obras de arte, os manuscritos, livros e outros objetos de interesse artístico, histórico ou arqueológico, assim como as coleções científicas e as importantes coleções de livros, de arquivos ou de reprodução dos bens acima definidos. (UNESCO, 1954)

Em complemento, na legislação museológica, no Decreto n.º 8.124, de 17 de outubro de 2013, bem cultural está definido como: “[...] todos os bens culturais e

naturais que se transformam em testemunhos materiais e imateriais da trajetória do homem sobre o seu território” (inciso I, do art. 2º).

E por fim, de maneira igual, podemos considerar este tipo de coleção inserida também na categoria de patrimônio cultural, conforme consta já no Art. 216 da Constituição Federal de 1988:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: (...) IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Além disso, a etimologia da palavra patrimônio remete “(...) à herança, ao conjunto dos bens, principalmente materiais, mas também simbólicos e genéticos, que são legados de uma geração para outra.” (POULOT, 2009). Ou seja, patrimônios são plurais, não se restringem aos monumentos, de modo que todos os elementos representativos da cultura compõem a categoria de patrimônio; mesmo os que não se encaixam nas definições clássicas de coleções e acervos museológicos e aqueles já reconhecidos pelos poderes públicos e institucionais em suas diferentes esferas.

Portanto, há concepções mais amplas de patrimônio para além do que é identificado nesses espaços; e neste sentido, coleções de arquitetura e urbanismo assim também se definem, uma vez que a memória da arquitetura pode ser narrada através de objetos, produtos, artefatos etc. Para tanto é necessário buscar compreender suas especificidades e perceber os usos do passado vinculados ao presente. Isto é, valorizar as diversas instâncias que lidam com o patrimônio cultural como produtoras e disseminadoras de saberes e visões sobre o tema.

O Núcleo de Pesquisa e Documentação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ e o colecionador Carlos Barroso além de compartilharem o mesmo tema de interesse, possuem também o objetivo comum de preservar a memória da arquitetura; aderindo assim a processos de proteção com vistas a evitar o seu perecimento, degradação e a promover consulta e divulgação de sua existência.

Contudo, as razões que operam a seleção e guarda de ambos respondem a motivações e critérios distintos quanto a tipologia de suas coleções. Ou seja, tendo em vista que dentro de uma coleção podem existir várias tipologias de acervos, no caso de um mesmo tema — arquitetura e urbanismo — há distinções quanto à escolha das peças.

As tipologias das coleções apresentadas podem ser caracterizadas e divididas em dois grandes grupos referentes à natureza material das peças que são: documentos e objetos. Conforme o quadro a seguir (Figura 1), os quais serão apresentados mais detalhadamente.

GRUPO 1	GRUPO 2
Acervo do Núcleo de Pesquisa e Documentação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ (NPD)	Coleção Carlos Barroso, do Instituto Memória da Arquitetura Brasileira - IMEARB
Predomínio arquivístico, bibliográfico e documental	Predomínio de objetos tridimensionais diversificados

Figura 1: grupos de coleções e suas tipologias. Fonte: autora

### **O acervo do Núcleo de Pesquisa e Documentação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ**

O Núcleo de Pesquisa e Documentação (NPD), criado em 1982 pelo Departamento de Projeto de Arquitetura da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, está atualmente localizado no prédio da reitoria da UFRJ, projeto do arquiteto moderno Jorge Machado Moreira (1904 - 1992).

Este centro de documentação foi um dos primeiros no Brasil dedicado à coleta, sistematização e análise de desenhos e fotografias de arquitetura e urbanismo segundo critérios técnicos e à estabilização e acondicionamento de documentos, denominados de fontes primárias. Abaixo (Figuras 2 e 3), algumas peças do acervo NPD/FAU:

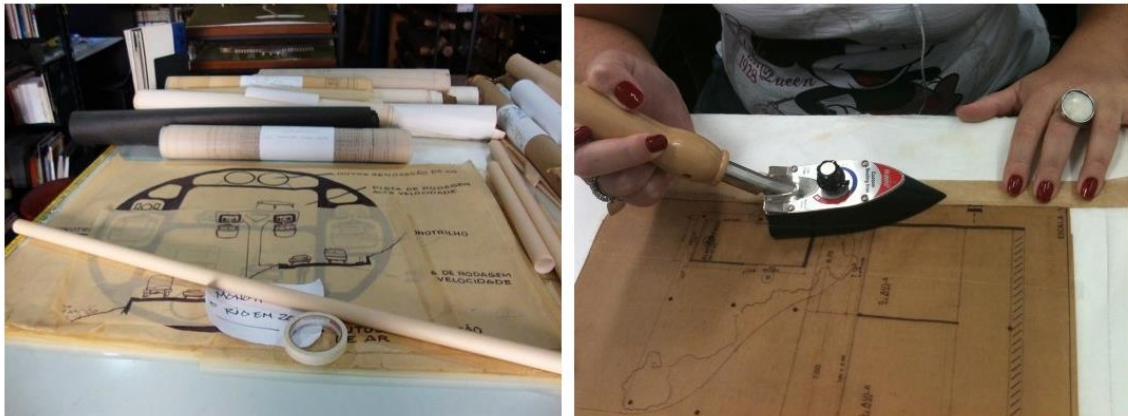


Figura 2. Projetos do arquiteto Sergio Bernardes. Fonte: Núcleo de Pesquisa e Documentação/ FAU – UFRJ. Presente em “Memória da arquitetura moderna brasileira”, de Kykah Bernardes. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/drops/19.132/7102>



Figura 3. Fotografias do prédio da Reitoria da UFRJ. Projeto de Jorge Machado Moreira. Fonte: Núcleo de Pesquisa e Documentação/ FAU – UFRJ. Disponível em: <http://arqugia.com/obra/edificio-reitoria-ufrj/?lang=ptbr>

Vinculado ao Departamento de Projetos de Arquitetura/Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o NPD possui 58.000 documentos catalogados, dos quais 20.000 digitalizados e 157.000 documentos em processo de inventário e higienização.

São documentos como: pranchas de desenhos; pranchas de projetos de arquitetura; plantas de arquitetura, urbanismo e engenharia, fotografias de obras e fotografias de desenhos; modelos tridimensionais; documentos manuscritos e documentos datilografados. O NPD possui ainda 5.700 exemplares de revistas, periódicos e livros.

FUNDOS: 1- Arquivo Affonso Eduardo Reidy; 2- Arquivo Carlos Leão; 3- Arquivo Jorge Machado Moreira; 4- Arquivo Stélio Alves de Souza; 5- Arquivo Irmãos Roberto; 6- Arquivo Ulysses Petrônio Burlamaqui; 7- Arquivo Aldary Henriques Toledo; 8- Arquivo Paulo Santos; 9- Arquivo Paulo Candiota; 10- Arquivo Luiz Paulo Conde; 11- Arquivo Severiano Mário Porto; 12- Arquivo Francisco Bologna; 13- Arquivo Sérgio Bernardes; 14- Arquivo Gastão Bahiana; 15- Arquivo Luis Nunes; 16- Arquivo José Roberto Cerqueira “Deco”; 17- Arquivo Rolf Werner Ruther; 18 - Arquivo Escritório Técnico da Universidade - ETU COLEÇÕES: 1-Coleção Alunos da Escola Nacional de Belas Artes; 2-Coleção Faculdade Nacional de Arquitetura; 3- Coleção Plástica. (FAU/UFRJ)

Recentemente o NPD/UFRJ recebeu doação do acervo do Escritório de Engenharia Emilio Baumgart com aproximadamente 20.000 documentos que precisam ser inventariados, catalogados digitalizados e acondicionados.

Tendo em vista que o NPD/UFRJ se pauta, sobretudo, na guarda de papéis como documentos, publicações, cartográficos e fotográficos, esta escolha traz desdobramentos quanto à conservação preventiva<sup>1</sup> das peças. Ou seja, há especificidades e adequações da coleção referentes à entrada, documentação, conservação, acondicionamento e manuseio de peças em suportes de papel.

Antes de tudo, já durante a entrada de documentos em papel, há escolhas segundo critérios próprios quanto ao tratamento documental que terão esses documentos em papel, uma vez que tanto podem integrar o acervo museológico, como o acervo arquivístico, os quais seguem o padrão para novas aquisições semelhantes.

Com o conhecimento da constituição física do bem material é possível fazer um diagnóstico dos principais agentes de deterioração que ameaçam as peças. No caso do papel, sua matéria-prima básica é a celulose, um composto natural existente nos vegetais, de onde é extraída.

Assim, sabe-se que o papel possui suscetibilidade a diversos agentes de degradação, entre eles estão: fatores físicos, como a pouca resistência mecânica, uma vez que se rasgam facilmente se manuseados incorretamente; fatores ambientais, como a presença de umidade e a temperatura; fatores biológicos, como

---

<sup>1</sup> Realização de intervenções indiretas visando o retardamento da degradação e impedindo desgastes pela criação de condições otimizadas para a conservação dos bens culturais de forma que essas medidas sejam compatíveis com a sua utilização social.



fungos, bactérias e insetos e a fotodegradação, provocada pela ação da luz, seja natural, seja artificial.

Em vista disso, os principais cuidados e medidas específicos para a preservação do papel são, por exemplo: o manuseio adequado, o controle das condições climáticas do espaço de guarda e exposição; da ventilação; dos níveis de poluentes e contaminantes; e da iluminação.

Para o acondicionamento de peças de papel, com suas devidas identificações, em geral, são confeccionadas embalagens específicas, de modo a garantir uma guarda segura e facilitar o manuseio das peças. Entre os materiais mais utilizados para esta confecção estão: o papel com reserva alcalina, acetato de poliéster, placas de polipropileno corrugado, papel com pH neutro e *foam board*.

Entre os mobiliários prioritários, com suas devidas numerações e mapeamento de localização, para acondicionar acervo em suporte de papel estão, principalmente: as mapotecas, mais destinadas a fotos e projetos; e as estantes metálicas com pintura eletrostática, mais para documentos, livros, periódicos e publicações.

### **A Coleção Carlos Barroso, do Instituto Memória da Arquitetura Brasileira**

A admiração de Carlos Barroso pela arquitetura moderna brasileira começou em 1987, quando Brasília foi tombada pela UNESCO como Patrimônio Cultural da Humanidade. “A partir daí comecei a ler muito sobre a saga da construção de Brasília e iniciei uma biblioteca sobre o assunto”, conta o colecionador.

Possuindo como centro de sua coleção o tema arquitetura e urbanismo, Barroso optou por uma tipologia diversificada. O colecionador possui formação em comunicação, o que reflete nesta escolha. Sem fugir do tema que lhe interessa — arquitetura e urbanismo — decidiu por uma tipologia mais abrangente e de interesse do público, e não só destinados a especialistas no tema, como observamos a seguir (Figuras 4 e 5):



Figura 4. Mobiliários e escultura. Fonte: Coleção Carlos Barroso/IMEARB.



Figura 5. Peças de uso cotidiano (marmitta, louças, rádio, bateadeira e liquidificador de época) com referências imagéticas da arquitetura moderna brasileira. Foto: autora. Fonte: Coleção Carlos Barroso/ IMEARB.

A palavra colecionador vai além de seu significado, apontado como o indivíduo que reúne um conjunto de objetos da mesma natureza ou que têm qualquer relação entre si, ela remete a uma pessoa movida por uma afinidade, no limite da paixão. (BARROSO, 2010, p.6)

Assim, ao longo dos últimos 32 anos, a busca pela memória resultou em 34 coleções e mais de 13.000 peças sobre a arquitetura moderna brasileira; desde documentos, fotografias, livros, periódicos, até maquetes, plantas, mobiliário, obras de arte, peças de design, entre outros.

Publicações, periódicos, plantas, projetos e documentos são de grande interesse para estudiosos e pesquisadores do tema, mas objetos e peças tridimensionais não tão específicas tornam-se acessíveis também aos públicos de áreas que não são necessariamente ligadas à arquitetura e urbanismo.

Todas as peças da coleção foram criadas ou produzidas por arquitetos modernos, ou possuem uma identificação imagética com a arquitetura moderna, a coleção abrange: peças comemorativas como medalhas, moedas, flamulas; peças do cotidiano como vestuário, joias, chaveiros; objetos domésticos como porcelanas,

vidros, cristais, objetos de decoração, eletrodomésticos, mobiliários e demais peças como itens filatélicos; esculturas, objetos de arte, têxteis, metais, madeira, cerâmicas, vidros, rochas e artefatos líticos, entre outros.

No caso da coleção Carlos Barroso, do IMEARB, objetos de diversas naturezas materiais trazem inúmeros desdobramentos e questões específicas à conservação preventiva das peças.

Antes de tudo, a forma de documentação e catalogação não difere da que já foi aqui citada quanto ao NPD/UFRJ, havendo, portanto, uma avaliação da melhor forma de fazê-lo segundo as necessidades da coleção. O mesmo ocorre com o diagnóstico quanto aos fatores ambientais que podem degradar as peças e a com a confecção e escolha do material das embalagens de armazenamento, que devem considerar os diferentes formatos, suportes, dimensões e materiais das peças.

O que pode ser aqui melhor caracterizado quanto à guarda e manutenção de peças de diferentes tipologias são os equipamentos para a sua conservação. Entre os principais mobiliários prioritários para este tipo de acervo estão: as estantes deslizantes, isto é, estantes modulares que permitem maior aproveitamento do espaço útil em relação ao uso de estantes fixas, uma vez que são montadas sobre trilhos, permitindo que elas se movimentem, sendo necessário apenas um corredor. Além disso, esse tipo de estante possui diversos tamanhos, permitindo, inclusive, que seja realizada sob medida e conforme as condições e especificações adequadas ao material a ser acondicionado.

Outro mobiliário prioritário são os trainéis, os quais podem ser projetados especificamente para o acervo de telas a ser acondicionado, podem ser fixos ou compactados por equipamentos deslizantes, dependendo do espaço que a reserva técnica possui e o volume do acervo.

## **Paralelos**

Cabe aqui chamar atenção para as formas de incorporação de peças a uma coleção, as quais estão diretamente ligadas às procedências das peças, que podem ser várias, como: coleta, compra, doação, legado, permuta, transferência, produção interna ou guarda temporária (cessão, comodato e fiel depositário).

No caso de um acervo público, as mais comuns são: a doação, que se trata um contrato em que uma pessoa física ou jurídica transfere, de maneira não onerosa, a posse e a propriedade de bens para o receptor; e a transferência, a qual é uma ação definitiva, de transferência gratuita da posse e da propriedade do bem de uma instituição para outra da mesma mantenedora (órgão ou entidade), segundo critérios claros preestabelecidos.

Neste sentido, grande parte dos arquivos custodiados pelo NPD/UFRJ é de origem privada, mas também parte dele origina-se da própria Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e da Universidade Federal do Rio de Janeiro ao longo de sua história institucional.

No caso da Coleção Carlos Barroso/IMEARB, a forma de aquisição mais comum, sendo uma coleção particular, é a compra; com exceção de doações pontuais, a posse advém quase que predominantemente de recursos próprios.

Outro ponto a ser observado é o de que, geralmente, as coleções ficam armazenadas na reserva técnica, um espaço destinado a garantir a preservação dos objetos que não estão em exposição. São espaços que seguem diversas regras de adequação de mobiliário, de condicionamentos, de higienização, de controle ambiental, de pragas, de localização de todos os itens e de segurança. O mesmo ocorre com os laboratórios de restauração, espaço técnico dedicado a realização de trabalhos de intervenções nos objetos.

Neste caso, o NPD/UFRJ, por ser um espaço institucional, com a utilização de recursos públicos, dispõe, dentro de seus limites e possibilidades, das estruturas citadas. No caso da Coleção Carlos Barroso, com a utilização de recursos próprios, há ainda o desafio de captar recursos financeiros para essas estruturas e para a contratação de uma empresa especializada para o tratamento, documentação e arquivamento da coleção.

Outro importante ponto a ser ressaltado é que ambos abrigam obras de arquitetos muitas vezes não tão conhecidos e que estão sendo perdidas, pois os herdeiros, na maioria das vezes, desconhecem que poderão preservar a memória do trabalho de seus antecessores.

## **A comunicação e difusão dos acervos**

As coleções e acervos, sobretudo as provenientes de instituições públicas, necessariamente devem dispor de processos de difusão das informações, contemplando pesquisas e a divulgação dos objetos constituintes do seu acervo, quer estejam em exposição ou não.

A dimensão da pesquisa é fundamental, pois para preservar uma coleção seu proprietário necessita conhecê-la em profundidade e, se possível, disponibilizar as informações. Portanto, as pesquisas são norteadoras da própria existência da coleção.

Neste sentido, as atividades do NPD/UFRJ se desenvolvem de modo orgânico e sistemático não só em sua característica básica de centro de pesquisa academicamente constituído, mas também, como unidade intrinsecamente ligada às atividades de ensino, treinamento, estágio e aperfeiçoamento, empreendidas pela FAU/UFRJ.

O NPD/UFRJ é um esforço permanente de articulação entre ensino (em seu mais amplo e rigoroso sentido) e pesquisa, preservadas suas particularidades de constituição e a especificidade de suas fronteiras face às demais atividades curriculares e às metas institucionais abrangentes.

Ao longo dos seus trinta e quatro anos de existência, produziu diferentes cursos, palestras, exposições e publicações foram produzidas tanto internamente, quanto externamente por pesquisadores, utilizando-se das fontes conservadas no acervo do NPD/UFRJ, em suas diferentes produções.

No caso da coleção Carlos Barroso, o colecionador fundou, em 2015, o Instituto Memória da Arquitetura Brasileira (IMEARB), com a missão promover a cultura e defender e conservar o patrimônio histórico e artístico, em especial o ensino e a difusão do conhecimento e a memória da arquitetura brasileira.

Seu valor público está em proporcionar um espaço de acesso à cultura, pesquisa, ensino, contribuindo para a preservação de acervos. O instituto hoje funciona como um centro de documentação, pesquisa e referência de arquitetura.

Um dos seus projetos mais importantes se refere à compra da casa de campo de Oscar Niemeyer no interior do Rio de Janeiro, em Vassouras, intitulada Casa de Mendes, a fim de sua restauração. É uma instituição ainda em desenvolvimento, mas que já realiza a cessão de uso de peças da coleção para fins como:

exposições, publicações, estudos, referências, reproduções, pesquisas, páginas eletrônicas e outros meios.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

De maneira geral, as duas coleções aqui expostas, concentradas especificamente no tema arquitetura e urbanismo, possuem alguns pontos específicos sobre a adequação da conservação preventiva a cada uma das duas realidades, e as formas de difusão de ambas.

Intrinsecamente ligados pelo tema, porém dissemelhantes em suas propriedades, e operados por diferentes momentos e diferentes motivações, as coleções apresentadas interagem tematicamente e completam-se no que se refere à preservação da história da arquitetura brasileira.

Se o patrimônio resgata o conhecimento feito, a patrimonialização das coleções de arquitetura e urbanismo está em contar a história dos objetos através dos tempos, preservando assim o que foi feito pela mão humana, de modo a ser verdadeiramente protegida e salvaguardada.

Em linhas gerais, os itens de ambas as coleções representam importantes movimentos arquitetônico na história brasileira. Portanto, ambas são imprescindíveis e devem ser conservadas de modo a evitar destruição, perda ou deterioração, uma vez que contribuem para construção de conhecimento, auxiliam no processo de permanente construção da memória da arquitetura brasileira promovendo o tema.

Um olhar sensível para esse patrimônio, a qual é a herança de todos, ligam o passado, o presente e geram diretrizes para o futuro. Portanto, o modo de tomar conhecimento desse patrimônio e divulgá-lo é através da educação.

Neste sentido, a divulgação das coleções por meio de exposições e pesquisas se tornam indispensáveis no que tange aos processos de geração, difusão e armazenamento de conhecimento para a cultura nacional, ampliando os efeitos em termos de comunicação, educação, participação e fruição.

## **REFERÊNCIAS**

BO, João Batista Lanari. **Proteção do patrimônio na UNESCO: ações e significados**. Unesco, 2003. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000129719>>. Acesso em: 28 nov. 2022..

CARTA DE ATENAS, 1931. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Atenas%201933.pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2022..

CATÁLOGO da exposição. **Gravuras de arquitetos modernos na coleção Carlos Barroso**. Museu Castro Maya. 2010

MAGALHÃES, Aline Montenegro; BEZERRA, Rafael Zamorano. **Coleção e colecionadores: a polissemia das práticas**. Introduzindo um debate. Coleções e colecionadores: a polissemia das práticas. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2012.

NORA, Pierre et al. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. In: Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 10, 1993.

POMIAN, Krzysztof. **Coleção**. In: Enciclopédia Einaudi, v. 1, p. 51-86, 1984.

POULOT, Dominique. **Uma história do patrimônio no Ocidente, séculos XVIII-XXI: do documento aos valores**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

TEIXEIRA, Lia Canola; GHIZONI, Vanilde Rohling. **Conservação preventiva de acervos**. Florianópolis: FCC Edições, 2012.